

“Das Deitsch hot noch viel Weat”:
O que dizem falantes de *Hunsrückisch* de uma cidade do interior do Rio
Grande do Sul sobre a língua¹

Tafarel Schmitt²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar diferentes percepções com relação à língua brasileira de imigração *Hunsrückisch*, desenvolvida e falada no Brasil, principalmente no sul do país, a partir de 1824, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao local. Ao longo desses anos, o *Hunsrückisch* passou por diferentes fases e *status* nas colônias alemãs e nas cidades que se desenvolveram. Primeiramente, ele foi a principal língua de comunicação entre os imigrantes recém-chegados em seu novo lar. Anos após, ele foi proibido de ser falado em função da Campanha de Nacionalização (1937-1945), que defendia a ideia de um país monolíngue. Passado esse período, o *Hunsrückisch* deixou de ser proibido, mas passou a ser cada vez menos falado, em função dos mitos que foram propagados com relação a ele: que seria uma língua de “colonos”, uma “língua errada”, um “alemão falso” e assim por diante (Pupp Spinassé, 2016, p. 110). Nesse sentido, as pessoas passaram a sentir vergonha de saber *Hunsrückisch* e a não ver mais valor na língua, deixando de falá-la. Ao longo dos últimos anos, no entanto, o número de estudos com relação ao *Hunsrückisch* tem aumentado e muitas dessas visões estigmatizadas estão sendo desconstruídas. Contudo, ainda há uma precariedade nas políticas públicas relacionadas às línguas de imigração e, para que isso se reverta, é preciso “dar ouvidos” aos falantes e às línguas minoritárias em si, para que o plurilinguismo seja cada vez mais incentivado (Altenhofen, 2013, p. 96). Com isso em vista, esse artigo ouviu falantes do *Hunsrückisch*, todos moradores da cidade de Morro Reuter, a fim de analisar as suas percepções com relação à língua de imigração. Essas entrevistas fazem parte da série de vídeos *Mea spreche Deitsch* (Nós falamos *Deitsch*), sobre e em *Hunsrückisch*. A análise dos dados mostrou que os entrevistados atribuem grande valor à língua, uma vez que diversas pessoas da região ainda a conhecem e, inclusive, possuem melhores habilidades comunicacionais em *Hunsrückisch* do que em português. Essa língua desempenha, portanto, um papel importante na comunicação diária e nas atividades comerciais que envolvam atendimento ao público. Ademais, os entrevistados não só não demonstram envergonhar-se de seus conhecimentos de *Hunsrückisch*, mas também acreditam ser importante que ele continue sendo falado. Para tanto, a família e a escola são apontadas como as principais instituições em que o *Hunsrückisch* pode ser aprendido. A partir dessas percepções, foi possível elaborar uma porção de ações e políticas linguísticas para valorização e manutenção do *Hunsrückisch*, tais como: sua inserção no currículo escolar, a organização de eventos que promovam comunicação em *Hunsrückisch* e de *workshops* de *Hunsrückisch* para o público geral ou para quem trabalha com atendimento ao público. Em última análise, se conclui que é preciso considerar as necessidades e os interesses dos falantes para o desenvolvimento de políticas linguísticas eficazes.

Palavras-chave: *Hunsrückisch*; políticas linguísticas; línguas de imigração.

Zusammenfassung: Das Ziel dieses Aufsatzes ist es, verschiedene Wahrnehmungen der brasilianischen Einwanderungssprache *Hunsrückisch* zu analysieren. Diese Sprache hat sich vor

¹ Artigo escrito a partir de dados coletados para o projeto *Connecting Histories to Reconnect Identities and Heritage*, desenvolvido por mim entre Out/2023 e Set/2024 no *Institut für Geschichtliche Landeskunde Rheinland-Pfalz e.V.* (Mainz, Alemanha). O projeto foi financiado pela Fundação Alexander von Humboldt, através da bolsa *Bundeskanzler-Stipendium für Führungskräfte von Morgen*.

² Mestrando do curso de Estudos Luso-Alemães (*Masterstudiengang Deutsch-Portugiesische Studien*), da *Johann Wolfgang Goethe-Universität* (Frankfurt, Alemanha), em parceria com a Universidade do Minho (Braga, Portugal). Contato: tafarelschmitt@gmail.com.

allem im Süden Brasiliens seit 1824 (als die ersten deutschen Einwanderer ankamen) entwickelt und wird seitdem gesprochen. Im Laufe der Jahre durchlief das Hunsrückische in den deutschen Kolonien und in den sich entwickelnden Städten verschiedene Phasen und Status. Zuerst war sie die Hauptkommunikationssprache zwischen den Einwanderern in ihrer neuen Heimat. Einige Jahre später wurde sie im Zuge der Nationalisierungskampagne (1937-1945), die die Idee eines einsprachigen Landes vertrat, verbannt. Nach dieser Zeit wurde das Hunsrückische zwar nicht mehr verboten, aber immer weniger gesprochen, was auf die Mythen, die über das Hunsrückische verbreitet wurden, zurückzuführen war: dass es eine Sprache der „Siedler“, eine „falsche Sprache“, ein „falsches Deutsch“ usw. sei (Pupp Spinassé, 2016, S. 110). In diesem Sinne schämten sich die Menschen, Hunsrückisch zu sprechen, und indem sie keinen Wert mehr in der Sprache sahen, hörten sie ebenso auf, sie zu verwenden. In den letzten Jahren hat jedoch die Zahl der Studien zum Hunsrückischen zugenommen und viele dieser stigmatisierten Ansichten werden damit allmählich dekonstruiert. Die Sprachpolitik in Bezug auf die Einwanderungssprache ist jedoch immer noch prekär. Um dies zu ändern, ist es notwendig, den Sprechern und den Minderheitensprachen selbst „zuzuhören“, damit die Mehrsprachigkeit zunehmend gefördert wird (Altenhofen, 2013, S. 96). Vor diesem Hintergrund wurden in diesem Aufsatz Sprecher*innen des *Hunsrückischen*, die alle in der Stadt Morro Reuter wohnen, befragt, um ihre Wahrnehmung der Einwanderungssprache zu analysieren. Diese Interviews sind Teil der Videoserie *Mea spreche Deitsch* (Wir sprechen Deutsch), die über und auf *Hunsrückisch* ist. Die Auswertung der Daten hat gezeigt, dass die Befragten einen hohen Wert in der Sprache sehen, da viele Menschen in der Region sie noch kennen und sich sogar besser auf *Hunsrückisch* verständigen können als auf Portugiesisch. In diesem Sinne ist die Sprache wichtig für die tägliche Kommunikation in der Region und für diejenigen, die im Kundenservice arbeiten. Außerdem schämen sich die Befragten nicht mehr dafür, die Sprache zu kennen, und halten es für wichtig, dass sie weiterhin gesprochen wird, wobei vor allem die Familie und die Schule als Orte genannt werden, an denen die Sprache erlernt werden kann. Auf der Grundlage dieser Wahrnehmungen konnten einige Sprachenpolitik zur Aufwertung und Erhaltung des *Hunsrückischen* vorgeschlagen werden, wie z. B. die Aufnahme der Sprache in den Lehrplan der Schulen, Veranstaltungen zur Förderung der Interaktion in der Sprache, *Workshops* für das allgemeine Publikum oder für diejenigen, die im Kundendienst tätig sind. Das Wichtigste ist jedoch, dass mehr Sprecher*innen gehört werden, damit noch weitere Beiträge zur Gestaltung der Sprachpolitik geleistet werden können.

Schlüsselwörter: *Hunsrückisch*; Sprachenpolitik; Einwanderungssprache.

Introdução

O presente estudo pretende investigar como alguns falantes de *Hunsrückisch* (em português “hunsriqueano”) entendem a língua e qual o valor que eles atribuem a ela. Entende-se por *Hunsrückisch* uma língua de imigração de origem alemã cuja base linguística são os dialetos francônio-renano (*Rheinfränkisch*) e francônio-moselano (*Moselfränkisch*), falados na região do *Hunsrück* na Alemanha, e que se desenvolveu, principalmente no Sul do Brasil, a partir do contato com outras variedades do alemão, inclusive a sua forma padrão, e com outras línguas, sobretudo o português (Altenhofen, 1996, p. 27).

O *Hunsrückisch* começou a se desenvolver no Brasil em 1824, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães³ ao país, sendo que hoje há uma estimativa de em torno de 1.225.000 falantes da língua no Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato

³Apesar da Alemanha não existir enquanto país até 1871, se utilizará o termo “imigrantes alemães” para se referir às pessoas de fala germânica que deixaram a sua terra natal para tentar uma nova vida no Brasil.

Grosso e Espírito Santo), mas também na Argentina e no Paraguai (Altenhofen & Morello, 2018, p. 120). Há também variedades distintas do *Hunsrückisch* que foram se constituindo ao longo dos anos e são faladas nessas regiões. Essas variedades podem ser subdivididas em tipo *Deitsch* – mais distantes do padrão e as primeiras a se desenvolverem no Brasil – e tipo *Deutsch* – mais próximas do alemão padrão e desenvolvidas posteriormente, com a chegada dos novos imigrantes a partir de 1850 (Altenhofen & Morello, 2018, p. 67-72). Para se referir ao *Hunsrückisch*, são utilizadas diferentes nomenclaturas, sendo algumas delas *Deitsch*, *unser Deitsch*, *Deitsch von dehemm*, *Plattdeitsch*, *Hunsrik* e assim por diante⁴. Contudo, essas nomenclaturas se referem ao *Hunsrückisch*, que, conforme Altenhofen (1996, p. 27), seria um termo guarda-chuva para as variedades da língua faladas no Brasil cuja base são os dialetos francônio-renano e francônio-moselano.

Ao longo desses 200 anos de presença no Brasil, o *Hunsrückisch* passou por diversas fases e *status*. Ele se desenvolveu como língua de comunicação entre os imigrantes e foi amplamente falado nas colônias alemãs (Altenhofen & Morello, 2018, p. 37). Anos após, foi proibido em decorrência da Campanha de Nacionalização (1937-1945) e da Segunda Guerra Mundial (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). Passado esse período, o *Hunsrückisch* voltou a ser permitido, porém perdeu o *status* de língua principal de comunicação e passou a ser estigmatizado em função dos sentimentos negativos decorrentes do período de inibição e da maior incorporação de palavras do português (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). Hoje em dia, o *Hunsrückisch* tem *status* de língua minoritária no Brasil que, conforme define Altenhofen (2013, p. 94), é uma “modalidade de línguas ou variedades usadas à margem ou ao lado da oficial”.

Na tentativa de desconstruir essa visão estigmatizada do *Hunsrückisch*, diversos estudos acadêmicos sobre a língua vêm sendo realizados ao longo dos últimos anos (vide, por exemplo, Altenhofen, 1990; Altenhofen, 1996; Pupp Spinassé, 2005; Käfer, 2013; Limberger, 2018; Von Mühlen, 2019; Altenhofen & Morello, 2018, etc.). Todos esses estudos (e outros) apontam para duas direções: a importância de se valorizar e manter o *Hunsrückisch* vivo nas comunidades e a lacuna nas políticas linguísticas para que isso seja possível.

Mas como se pode fazer políticas linguísticas? Altenhofen (2013, p. 96) menciona que, para que políticas linguísticas ocorram de maneira efetiva, é fundamental ouvir os falantes. Conforme o autor, esse “ouvir” vai tanto “no sentido de ‘**garantir voz**’ às diferentes comunidades linguísticas que co-habitam determinado espaço de legislação, como também, e, principalmente, no sentido de ‘**dar ouvidos**’ e incentivar o plurilinguismo

⁴ Para mais informações sobre as diferentes nomações do *Hunsrückisch*, ver Habel (2017).

como postura adequada para uma ‘democracia cultural’[...]” (Altenhofen, 2013, p. 96, grifos do autor). Ou seja, além de ouvir o que os falantes pensam com relação a uma língua minoritária, é preciso também dar valor a essas opiniões para incentivar o plurilinguismo. E é pensando nisso que este estudo se justifica.

O objetivo do presente artigo é, portanto, entender se falantes do *Hunsrückisch* veem valor na língua, se eles se envergonham ou se orgulham de falá-la e o que eles pensam sobre a sua continuidade. Para tanto, foram realizadas entrevistas com moradores de Morro Reuter, minha cidade-natal, de diferentes faixas etárias (entre 12 e 91 anos). A partir das entrevistas, é possível pensar em ações futuras e demais estudos para a construção de mais políticas linguísticas que valorizem a língua minoritária.

Para atingir os objetivos supracitados, este artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente são apresentados os estudos já realizados sobre o tema, a fim de se entender como os falantes do *Hunsrückisch* têm visto a língua ao longo dos anos. Em seguida, são expostos e discutidos estudos relacionados às (ou à falta de) políticas linguísticas para a valorização e a preservação das línguas minoritárias no Brasil. Após, a metodologia é apresentada, com a descrição do contexto de pesquisa, dos participantes e dos procedimentos de análise. Na sequência, está a análise e discussão dos resultados, com apresentação de trechos transcritos de algumas falas. Por fim, se apresentam as considerações finais com sugestões de ações e estudos futuros sobre o tema.

48

Como os falantes de *Hunsrückisch* têm visto a língua ao longo dos anos

O ano de 1824 marcou a chegada dos primeiros 39 imigrantes alemães ao sul do Brasil. Ainda na primeira fase da imigração (1824-1830), chegaram mais em torno de 5.000 imigrantes (Tubino, 2007, p. 58), que eram provenientes de diferentes regiões da atual Alemanha. Todos eles levaram para o novo país suas tradições e as suas línguas (Grützmann, 2008, p. 26), que, apesar de serem de origem germânica, se diferenciavam umas das outras pelo mosaico de regiões de onde os imigrantes eram provenientes (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). O grupo maior de imigrantes, no entanto, vinha do *Hunsrück*, uma região montanhosa da Alemanha, localizada entre os rios Mosela, Reno, Nahe e Sarre. Os imigrantes dessa região falavam os dialetos francônio-renano (*Rheinfränkisch*) e francônio-moselano (*Moselfränkisch*), que, por serem dialetos da maioria, serviram de base para o desenvolvimento do *Hunsrückisch* (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). Ou seja, mesmo quem não vinha do *Hunsrück*, acabava utilizando a fala de lá para se comunicar com os demais.

Conforme Altenhofen (1996, p. 61), o *Hunsrückisch* foi facilmente mantido durante muitos anos nas colônias alemãs, uma vez que elas eram muito isoladas da sociedade brasileira e o contato com o português era quase nulo. Inclusive nas escolas e na igreja, cujos professores, padres e pastores eram imigrantes, se falava e se ensinava a variedade padrão do alemão, uma vez que o governo brasileiro não oferecia o suporte necessário a esses grupos (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). Contudo, Altenhofen (1996, p. 61) explica que, aos poucos, o contato com o português, principalmente com a variedade do Rio Grande do Sul, e com outras línguas minoritárias (italiano, polonês, línguas indígenas etc.) foi aumentando, o que fez com que ocorressem empréstimos linguísticos no *Hunsrückisch*. Nesse sentido, a língua se desenvolveu no novo país e se tornou uma “variedade distinta de outras variedades do alemão, embora vinculada a elas historicamente e por semelhança” (Limberger, 2018, p. 9). Ou seja, o *Hunsrückisch* é uma língua “fora da matriz de origem europeia, por ser uma língua brasileira” (Limberger, 2018, p. 40), o que justifica a sua classificação como língua minoritária, pertencente ao grupo das línguas de imigração⁵.

Como se pode ver, durante muitos anos, o *Hunsrückisch* teve um *status* de grande importância entre seus falantes, pois era a língua utilizada para comunicação diária. Contudo, a partir dos anos 1870, a integração dos imigrantes com a língua portuguesa se intensificou (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). Ainda segundo a autora, isso teria causado um conflito de identidade nos descendentes de imigrantes que, nascidos no Brasil, não viam sentido em uma ligação com a “pátria abandonada”. A autora ainda explica que “por um lado, eles não conseguiam se desvencilhar de sua tradição, de sua língua materna – e nem o queriam; por outro lado, eles não queriam mais ser vistos como ‘estrangeiros’, ‘estranhos’, pois também não o eram” (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). Passaram, então, a querer falar mais o português, mas o faziam com bastante dificuldade, uma vez que, “depois de muitos anos de vida numa ilha linguística não seria fácil aprender uma outra língua de forma natural” (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). A autora ainda explica que, como consequência disso, essas pessoas acabaram sofrendo preconceito linguístico com relação à sua fala e ao seu sotaque e, portanto, passaram a sentir vergonha da maneira com que se comunicavam em português.

A Campanha de Nacionalização (1937-1945), outorgada pelo presidente Getúlio Vargas com o objetivo de forçar a integração de comunidades de imigrantes à

⁵ Conforme Pupp Spinassé (2016, p. 108), “existem seis diferentes categorias de línguas minoritárias no Brasil: as línguas indígenas; as variedades regionais da língua portuguesa; as línguas de imigração; as línguas de comunidade afro-brasileiras; as línguas de sinais; e as línguas crioulas”.

população brasileira, juntamente com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, fizeram com que a língua alemã fosse proibida no Brasil (Altenhofen, 1996, p. 70). A partir de então, passou a ser obrigatório falar português nas escolas e na igreja, mas o *Hunsrückisch* continuou a ser falado nas comunidades, uma vez que várias pessoas não conheciam outra língua (Pupp Spinassé, 2015, n.p.). Porém, o faziam com medo, e alguns inclusive recebiam punições simplesmente por falarem alemão. Essa situação também contribuiu para que os imigrantes e descendentes tivessem vergonha e medo de falarem a língua.

Após esse período, apesar de não ser mais proibido, o *Hunsrückisch* passou a ser cada vez menos falado nas comunidades. Primeiramente, isso aconteceu pela maior comunicação e integração com o português, uma vez que muitos jovens passaram a sair das comunidades alemãs e ir para centros urbanos para trabalhar. Com isso, eles se comunicavam mais em português, associando o *Hunsrückisch* a uma língua falada na família e com pessoas mais velhas (Altenhofen, 1996, p. 61).

O preconceito linguístico que os imigrantes e/ou descendentes sofreram ao tentarem se comunicar em português também foi um motivo para a diminuição do número de falantes da língua de imigração. Ou seja, o *Hunsrückisch* passou a ter um *status* de estigma na sociedade e também entre seus falantes. Pupp Spinassé (2016) menciona alguns mitos relacionados à língua e propagados pela sociedade. De acordo com a autora,

só 'colonos' (ou seja, pessoas que vivem no campo) fariam o *Hunsrückisch*; [...] essa variedade não seria um sistema linguístico definido, não sendo nem alemão nem português, somente uma 'mistureba'; [...] o *Hunsrückisch* seria simplesmente um alemão errado a ser corrigido; [...] se trataria de uma língua 'ruim' [...] (Pupp Spinassé, 2016, p. 110).

Esse *status* de “alemão errado” ou de “língua ruim” mostra que muitos não entendem o *Hunsrückisch* como uma língua brasileira e veem os empréstimos linguísticos como algo negativo. Contudo, como mostra Pupp Spinassé (2015, n.p.), empréstimos são um “processo natural linguístico enriquecedor” a todas as línguas. Ou seja, o fato de o *Hunsrückisch* ter um vocabulário composto por palavras de outras línguas não faz dele menos importante do que a variedade padrão do alemão, assim como é propagado nos mitos apresentados anteriormente. Ademais, o pressuposto de que existem línguas puras é algo equivocado, ou seja, não existem línguas sem empréstimos linguísticos (Altenhofen & Morello, 2018, p. 77).

Outro ponto importante e que influenciou no processo de estigmatização do *Hunsrückisch* foi o fato de diversos professores culparem o conhecimento da língua

minoritária para as dificuldades de aprendizagem do português por parte das crianças na escola. Altenhofen (1990) ilustra diversos casos em que isso acontece, bem como argumenta que saber uma língua não implica em ter dificuldade para aprender outra e que as escolas devem estar mais preparadas para receber alunos falantes de *Hunsrückisch*. O autor inclusive cita uma reportagem do *Jornal Zero Hora* de 25 de junho de 1989, sobre o então prefeito de Santa Maria do Herval, cidade do interior do Rio Grande do Sul, que se orgulhava em dizer que nas escolas do município era proibido falar alemão e, quem o fizesse, recebia castigo (Altenhofen, 1990, p. 21).

Esses estigmas com relação ao *Hunsrückisch* fizeram também com que muitos pais deixassem de ensinar a língua aos seus filhos – afinal, se eles foram motivo de deboche ou se eles tiveram dificuldades em aprender o português, por que não “cortar o mal pela raiz”? (Altenhofen & Morello, 2018, p. 60). Contudo, o que esses pais não se dão conta é de que estão privando seus filhos de uma criação bilíngue e de conhecerem uma língua que pode trazer vários benefícios (Steffen, 2008) para melhoria do processamento de leitura (Limberger, 2018) e aprendizagem da variedade padrão do alemão (Pupp Spinassé, 2009; Käfer, 2013; Pupp Spinassé & Käffer, 2017).

Para ilustrar as percepções apresentadas até aqui, vale mencionar o estudo desenvolvido por Pinho (2008). A autora analisa as visões sobre o *Hunsrückisch* de quatro falantes nascidos em comunidades bilíngues (português e *Hunsrückisch*), que se mudaram para um centro urbano e, com isso, diminuíram drasticamente o uso da língua minoritária. Assim como pode ser visto em Pupp Spinassé (2015, n.p.), uma participante do estudo de Pinho (2008) menciona as dificuldades que teve para aprender português na escola, relatando que os colegas riam e debochavam uns dos outros quando eles não sabiam algo, ações perpetradas inclusive por alunos que também eram falantes de *Hunsrückisch* (p. 84). A mesma participante ainda menciona que o *Hunsrückisch* tem uma função afetiva para ela, pois é a língua que ela utiliza para falar com a família (p. 86), o que os demais participantes também afirmam. Outra resposta comum a eles é que saber *Hunsrückisch* os ajudou a aprender alemão padrão, como afirma Pupp Spinassé (2009). Contudo, eles não acreditam ser importante aprender a língua minoritária na escola, mas sim a variedade padrão, que “aparece mais associada aos estudos e a maiores oportunidades econômicas” (Pinho, 2008, p. 88). Uma resposta que não foi homogênea entre os participantes do estudo foi com relação à preservação do *Hunsrückisch*. Dois dos participantes afirmam a importância de manter a língua minoritária viva como forma de preservar a cultura e a identidade, mas os outros dois afirmam não ter interesse de ensiná-la aos filhos pelas dificuldades que eles tiveram na infância e por não verem valor em passar a língua adiante.

Dez anos após o estudo realizado por Pinho (2008), Schmitt e Winckelmann produziram o documentário “Viver no Brasil falando *Hunsrückisch*” (Schmitt & Winckelmann, 2018), que foi um dos produtos do IHLBrl (Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração), coordenado pelos pesquisadores Cléo Vilson Altenhofen e Rosângela Morello. Ao longo do documentário, podemos ouvir várias pessoas relatando suas experiências e suas percepções com relação à língua minoritária. Alguns desses relatos vão ao encontro do que Pinho (2008) menciona, como a visão de que o *Hunsrückisch* não é um alemão certo, que é uma mistura de línguas e que muitos ainda se envergonham de falá-lo. Alguns entrevistados mais velhos também mencionaram a dificuldade em aprender português na escola, como também pode ser observado nos estudos de Pinho (2008) e Pupp Spinassé (2015).

Entretanto, muitas percepções apresentadas no documentário se diferenciam do estudo de Pinho (2008), por mostrarem uma maior valorização e preocupação com a língua minoritária. Alguns exemplos de relato da importância do *Hunsrückisch* incluem seu uso no ambiente de trabalho (por exemplo, no atendimento aos clientes) e o auxílio no aprendizado de outras línguas (como o alemão padrão e o inglês). Algumas professoras também relatam um trabalho mais inclusivo nas escolas com as crianças que falam *Hunsrückisch* e reconhecem que o apagamento da língua minoritária no passado foi um erro. Essa visão mais cheia de valor com relação à língua minoritária que pode ser observada no documentário pode ser justificada pelos vários estudos sobre a importância do *Hunsrückisch* que foram realizados nos últimos anos e que podem ter conscientizado seus falantes. No entanto, é possível que isso tenha relação também com os participantes entrevistados, uma vez que, se não vissem valor na língua, dificilmente teriam aceitado participar de um documentário.

Outro estudo que teve o intuito de ouvir falantes de *Hunsrückisch* sobre suas percepções com relação à língua e sobre uma proposta de escrita para ela foi o realizado por Von Mühlen (2019). De uma forma geral, os entrevistados para este estudo também trazem visões estigmatizadas com relação à língua minoritária, como as já apresentadas anteriormente. Contudo, percebe-se que, o que difere os dados obtidos por Von Mühlen (2019) dos de Pinho (2008) é uma maior preocupação com a manutenção do *Hunsrückisch*, algo que pode ser percebido também no documentário (Schmitt & Winckelmann, 2018). Alguns dos entrevistados por Von Mühlen (2019) concordam que, quando se está deixando de falar a língua minoritária, está se perdendo possibilidades de convívio familiar (p. 127), ou ainda de empregos, principalmente em comércio (p. 130). Também diferente das respostas analisadas por Pinho (2008), os entrevistados por Von Mühlen (2019) se preocupam com o desaparecimento do *Hunsrückisch* e afirmam que algo

precisa ser feito. Uma resposta frequente entre eles é de que a escola seja o local ideal para se ensinar a língua minoritária, juntamente com o apoio da comunidade e das famílias (p. 152). A autora conclui que o ensino escolar do *Hunsrückisch* pode ser uma das iniciativas para sua manutenção, mas não a única, e que essa precisa ser uma decisão da comunidade, e não algo imposto (p. 156). Ou seja, é preciso que sejam criadas políticas linguísticas a partir da escuta ativa dos falantes da língua.

Políticas linguísticas para a manutenção do *Hunsrückisch*

O Brasil ainda é visto como um país monolíngue e, por isso, as línguas de imigração, assim como as demais línguas minoritárias, ainda sofrem muito preconceito por não “acharem seu espaço nesse cenário” (Pupp Spinassé, 2016, p. 103). Não faz muito tempo que se iniciaram no Brasil as ações para tentar reverter essa visão de país monolíngue, sendo que a grande maioria delas é (e foi) impulsionada por estudos acadêmicos (Pupp Spinassé, 2016, p. 108). Ou seja, mesmo com as iniciativas da academia, ainda faltam políticas linguísticas para que as línguas minoritárias sejam valorizadas e mantidas na sociedade brasileira.

Por políticas linguísticas, entende-se

um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social, o planejamento linguístico: a implementação prática de uma política linguística, em suma, a passagem ao ato. Não importa que grupo pode elaborar uma política linguística: fala-se, por exemplo, de “políticas linguísticas familiares” (Calvet, 2002, p. 145).

53

Nesse sentido, uma família que decide ensinar (ou não) a língua minoritária para seus filhos está elaborando uma política linguística. Uma escola que promove ações para acolher (ou não) um aluno bilíngue, ou uma prefeitura que decide nomear seus eventos em uma língua minoritária também estão elaborando uma política linguística (Altenhofen, 2004, p. 86). Ou seja, todas as instâncias colaboram e têm um papel importante na definição das políticas linguísticas. Porém, “só o Estado tem o poder e os meios de passar ao estágio do planejamento, de pôr em prática as escolhas linguísticas” (Calvet, 2002, p. 145), ou seja, de oficializá-las e de regulamentá-las.

Com relação ao *Hunsrückisch*, existe hoje uma série de legislações. A língua é, por exemplo, considerada patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul, pela Lei nº 14.061, de 23 de julho de 2012, e integra o patrimônio cultural imaterial do Estado de Santa Catarina (Lei nº 16.987, de 3 de agosto de 2016). Além disso, o *Hunsrückisch* também é língua cooficial de alguns municípios de ambos os estados, como

Santa Maria do Herval (Decreto nº 5/2009), Antônio Carlos (Lei Legislativa 132/2010), São João do Oeste (Lei nº 1685, de 12/07/2016) e outros.

Essas ações podem trazer uma maior visibilidade e valorização da língua minoritária. Contudo, concorda-se com Altenhofen e Morello (2018) quando afirmam que “a lei de cooficialização em si não garante avanços” (p. 200). Nesse sentido, além de cooficializar, é preciso regulamentar a implementação da língua minoritária e prever os encargos financeiros necessários para isso (Altenhofen & Morello, 2018, p. 200). Os autores ainda sugerem uma série de ações para que essa regulamentação aconteça, dentre elas:

pode prever a espacialização da língua por meio de placas nas cidades [...]. Pode ainda prever editais e ações de ensino e sensibilização; pode dirigir a política de ensino prevendo a inserção da língua alemã e/ou a variedade do alemão local nas escolas, de modo a adotar uma pedagogia do plurilinguismo, com base na consciência plurilinguística dos alunos e não no ensino da escrita [...]; ou ainda na direção de uma pedagogia via pesquisa que qualifica e forma professores [...] (Altenhofen & Morello, 2018, p. 200).

Outro ponto importante a ser destacado aqui é a não menção das línguas de imigração em legislações educacionais a nível federal. No parágrafo 5º do Artigo 26 da versão revisada da LDB (Lei de Diretrizes e Bases), o mais importante documento de regulamentação da educação brasileira, vemos que “no currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa” (Brasil, 1996)⁶. Para o ensino médio, o documento também fala em ensino de inglês, mas ainda menciona, no parágrafo 3º do Artigo 30, que “os currículos do ensino médio poderão ofertar outras línguas estrangeiras, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino” (Brasil, 1996)⁷. Quando se trata de línguas minoritárias, a única categoria mencionada na LDB são as línguas indígenas, asseguradas às comunidades tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio (Brasil, 1996). Mesmo não havendo menção na LDB, muitas escolas municipais, estaduais e privadas do sul do Brasil oferecem aulas de alemão como língua estrangeira, em função da história da região com a imigração alemã. Esse ensino, no entanto, é normalmente da variedade padrão da língua em detrimento do *Hunsrückisch*.

Como se pode ver, existem várias lacunas na regulamentação de ações que podem promover a valorização e a manutenção das línguas minoritárias. No entanto,

⁶ Redação alterada em função da Lei nº 13.415 de 2017, que regulamenta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Brasil.

⁷ Incluído pela Lei nº 14.945, de 2024, que define as novas diretrizes do Ensino Médio no Brasil).

antes que uma política linguística para este fim seja, de fato, criada, é preciso “dar ouvidos” aos falantes da língua para saber quais são as suas percepções, os seus desejos e as suas necessidades (Altenhofen, 2013, p. 96). De pouco adianta uma política linguística ser imposta aos falantes, uma vez isso pode ter “efeito contrário, afastando as novas gerações da língua da comunidade” (Von Mühlen, 2019, p. 152). Em um cenário ideal, essas construções devem iniciar com as instâncias menores (famílias, escolas, comunidades) e serem regulamentadas pelo Estado, como afirma Calvet (2002, p. 145).

Portanto, estudos como os de Pinho (2008) e Von Mühlen (2019), ou o documentário de Schmitt e Winckelmann (2018), que ouvem os falantes sobre a sua visão com relação ao *Hunsrückisch*, são extremamente importantes para que políticas linguísticas sejam pensadas e elaboradas. Além desses exemplos, pode-se citar também o projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: *Hunsrückisch*)⁸, coordenado pelo pesquisador Cléo Vilson Altenhofen (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS) em parceria com o professor Harald Thun (Universidade de Kiel). Esse projeto tem um banco de dados de entrevistas e questionários com falantes de *Hunsrückisch* de 41 localidades de pesquisa, além de outros materiais escritos e fotos, que possibilita uma série de estudos relacionados à descrição e estudo da língua minoritária e a propostas para a sua valorização e manutenção.

O ALMA-H também contribuiu para o projeto IHLBrI (Inventário do *Hunsrückisch* como Língua Brasileira de Imigração), desenvolvido através de uma parceria com o IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, cuja coordenação geral é de Rosângela Morello). O IHLBrI buscou inventariar o *Hunsrückisch*, na tentativa de salvaguardá-lo e promovê-lo. Como culminância do projeto, foi publicado o livro “*Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil*” (Altenhofen & Morello, 2018), que traz a história do desenvolvimento da língua no Brasil, sua descrição, localidades de fala, percepções atuais sobre a língua, estudos já realizados e perspectivas futuras. Além disso, como já mencionado, o documentário “Viver no Brasil falando *Hunsrückisch*” (Schmitt & Winckelmann, 2018), também é produto do IHLBrI.

Dentro do panorama apresentado até aqui e sob a premissa da necessidade de se dar voz aos falantes de *Hunsrückisch* para a criação de medidas efetivas de preservação do patrimônio linguístico, o presente artigo tem o intuito de dar espaço para as opiniões da comunidade de fala. Nos próximos capítulos, serão apresentados alguns relatos com a opinião de diferentes falantes com relação ao *Hunsrückisch*.

⁸ Para mais informações, ver <https://www.ufrgs.br/projalma/>.

O Estudo

Os dados coletados para este estudo advêm de entrevistas realizadas com 22 falantes de *Hunsrückisch* da cidade de Morro Reuter, pequeno município localizado no início da Serra Gaúcha e que ainda mantém viva a língua minoritária. Essas pessoas⁹ foram escolhidas por serem minhas conhecidas, uma vez que Morro Reuter é minha cidade-natal, e por utilizarem o *Hunsrückisch* com frequência e em diversos contextos (com a família, no trabalho, na escola...). A Tabela 1, logo a seguir, apresenta os nomes dos participantes, sua idade, profissão e em que contexto utilizam o *Hunsrückisch*.

Tabela 1 – Participantes do estudo

Nome	Idade	Profissão	Uso do <i>Hunsrückisch</i>
Aloíso Dapper	51	Agricultor	No dia a dia
Beatriz Boufleuer Dapper	54	Agricultora	No dia a dia
Sofia Dapper	17	Estudante e calçadista	Na família
Luísa Dapper	15	Estudante	Na família
Milena Dapper	12	Estudante	Na família
Loeni Führ Steffen	53	Comerciante	Na família, no emprego
Fernanda Steffen Kunzler	41	Comerciante	Na família, no emprego
Erna Laux	91	Agricultora aposentada	No dia a dia
Adriana Laux	42	Auxiliar de escritório	Na família
Vera Zimmer	65	Atendente de Sindicato	Na família, no emprego
Andreia Laux Ternus	47	Professora	Na família
Laura Helena Arnold	21	Atendente de Sindicato	Na família, no emprego
Maria Eduarda Ternus	15	Estudante	Na família
Andressa Büttenbender	26	Professora	Na família
Angelita Wobeto Eich	41	Professora	Na família, no emprego
Valdir Antônio Eich	52	Aposentado	No dia a dia
Samuel Wobeto Eich	12	Estudante	Na família
Izadora Wobeto Eich	15	Estudante	Na família
Maria Maristela Knorst	49	Merendeira aposentada	No dia a dia
Flávia Maria Knorst	76	Professora aposentada	No dia a dia
Maria Nelci Büttenbender	70	Agricultora aposentada	No dia a dia
Simone Führ Zwirtes	45	Empresária	Na família

Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

Todos os participantes falam uma variedade mais do tipo *Deitsch*, sendo que a grande maioria deles nomeia a língua dessa forma, bem como alguns se referem a si mesmos como *Deitsche*¹⁰.

⁹ O nome dos participantes foi mantido, uma vez que as entrevistas foram utilizadas também em outras publicações, inclusive em uma série de vídeos. Todos autorizaram a divulgação do seu nome e o uso de sua imagem nessas publicações.

¹⁰ As palavras *Deitsche* e *Deitsch* não foram traduzidas aqui, por serem as nomenclaturas com as quais os falantes se referem a si mesmos e à língua que falam, respectivamente.

As entrevistas, conduzidas em *Hunsrückisch*, foram realizadas para o projeto *Connecting Histories to Reconnect Identities and Heritage* (Conectar histórias para reconectar identidades e heranças), desenvolvido por mim entre outubro de 2023 e novembro de 2024 no *Institut für Geschichtliche Landeskunde Rheinland-Pfalz e.V.*, na cidade de Mainz na Alemanha. Esse projeto foi financiado pela Fundação Alexander von Humboldt, com a bolsa *Bundeskanzler-Stipendium für Führungskräfte von Morgen* (Bolsa Chanceler Alemão para Líderes do Amanhã). Além das entrevistas realizadas em Morro Reuter, foram entrevistados também moradores da região do *Hunsrück* na Alemanha falantes de uma variedade dos dialetos francônio-renano e francônio-moselano, que são a base do *Hunsrückisch* brasileiro. As entrevistas culminaram na série de vídeos *Mea spreche Deitsch*¹¹ (Nós falamos *Deitsch*).

Para este artigo, apenas as entrevistas de Morro Reuter foram utilizadas, uma vez que o foco é a percepção dos falantes brasileiros. Além disso, nem todas as respostas obtidas foram analisadas para esse estudo em particular, mas, sim, apenas aquelas que contribuem para os seguintes questionamentos:

- Que valor o *Hunsrückisch* tem para você e para a sociedade, na sua opinião?
- Você se envergonha ou se orgulha de falar *Hunsrückisch*?
- O *Hunsrückisch* deve continuar sendo falado? Se sim, o que é preciso ser feito?

Como as entrevistas foram conduzidas em *Hunsrückisch*, as falas foram transcritas seguindo os princípios de ortografia do grupo ESCRITHU (Altenhofen et al., 2007) e traduzidas para o português posteriormente. Em seguida, elas foram analisadas de forma qualitativa e comparativa com as visões de outros falantes já apresentadas nos capítulos de fundamentação teórica. Essa análise pode servir de base para pensar em mais estudos ou ações na tentativa de manter e valorizar o *Hunsrückisch*.

O que dizem os falantes do *Hunsrückisch* sobre a língua?

Neste capítulo, são apresentadas as percepções dos falantes de *Hunsrückisch* entrevistados. Cada pergunta apresentada no capítulo anterior será respondida em uma subseção distinta, com trechos das falas dos entrevistados, que são analisadas à luz dos fundamentos teóricos apresentados anteriormente.

¹¹ Disponível em:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PL3dtZLDw2Br0bKUHErWSZTpZcO6O62Hdw>

Que valor o Hunsrückisch tem para você e para a sociedade, na sua opinião?

Todos os participantes, ao responderem ao questionamento acima, reconheceram algum valor no *Hunsrückisch*, ou seja, ninguém afirmou que ele é completamente inaproveitável. Praticamente todas as respostas vão na direção de ser benéfico saber a língua minoritária, seja para comunicação no dia a dia com as pessoas da região, ou mais especificamente para a comunicação no trabalho. Contudo, há também uma resposta que reconhece o *Hunsrückisch* como valor cultural, como pode ser visto a seguir:

Das is en Herança Cultural, das is Cultura, etwas wo'ma losst. Das is interessant unn etwas wo'ma fa die Gerações wo komme losse. Unn fa die Welt, fa wer reese tut, fa alles (Andreia Laux Ternus, 47 anos, professora).

Tradução: É uma herança cultural, é cultura, algo que deixamos [para a posterioridade]. É interessante e algo que deixamos para as gerações futuras. E para o mundo, para quem for viajar, para tudo.

A fala de Andreia mostra uma visão mais preocupada e de consideração para com a língua minoritária, diferente dos mitos apresentados por Pupp Spinassé (2016, p. 110). Além disso, a fala acima vai ao encontro da opinião de dois participantes do estudo de Pinho (2008), que também reconhecem a importância cultural do *Hunsrückisch*, mas se difere da opinião dos outros dois participantes desse estudo, que não têm interesse em ensinar a língua aos seus filhos.

Além do valor cultural e dos benefícios que o *Hunsrückisch* propicia para quem for viajar, como afirma Andreia, há também uma resposta que vai na direção de ser vantajoso saber a língua minoritária, conforme pode ser visto logo a seguir.

Meine Mamma hot immer gesooht, dass en Sprooch wisse, is nie nett zu viel. So ich denke, das is en Schoot, dass die Kinner heit unser Sprooch net wisse. Unn die Eltre tun viel spreche, awer die tun die kleene Kinner net innlenne. Unn in die Schul gibt es nur de Hochdeitsch, gebt's kenn Hunsrik (Andressa Büttenbender, 26 anos, professora).

Tradução: Minha mãe sempre falou que saber uma língua nunca é demais. Então eu penso que é uma pena, que as crianças não conheçam nossa língua hoje. E os pais falam bastante, mas eles não ensinam às crianças. E na escola ensina-se apenas o Hochdeitsch (alemão padrão), não o Hunsrik.

Essa fala mostra que tanto Andressa quanto a sua mãe reconhecem os benefícios de conhecer outra língua (conforme também apontado por Steffen, 2008; Limberger, 2018; Pupp Spinassé, 2009; Käfer, 2013; Pupp Spinassé & Käffer, 2017). Além disso, elas reconhecem que o *Hunsrückisch* é uma língua e que merece continuar sendo ensinada às crianças. Inclusive, ela lamenta o fato de muitos pais estarem privando seus filhos de uma criação bilíngue. Andressa ainda menciona a falta de ações e de políticas linguísticas

com relação ao *Hunsrückisch* na escola, afirmando que lá é ensinada a variedade padrão, mas não a língua minoritária.

A opinião mais recorrente nas falas dos entrevistados, contudo, é de que o *Hunsrückisch* é muito importante, principalmente na região de Morro Reuter, para conversar com outras pessoas, tanto em situações cotidianas quanto no emprego. Segundo os participantes, nessa região ainda há muitas pessoas, principalmente mais velhas e que moram em contextos mais rurais, que possuem melhores habilidades comunicacionais na língua minoritária do que em português. Isso pode ser visto nas falas a seguir:

Das Deitsch hot viel Weat, das kenne ma net verlenne. Wenn'ma will schaffe uff die Oorwett, tun'se immer verlange du muscht Deitsch kenne. Dann is das gut, wenn du Deitsch kenschts unn Bresilionisch, weil komme deutsche Leit, die verstehn net das Bresilionisch, dann muscht du das Deitsch kenne (Beatriz Boufleur Dapper, 54 anos, agricultora).

Tradução: O Deitsch tem muito valor, não podemos desaprendê-lo. Quando se quer trabalhar, sempre dizem que tu precisas saber Deitsch. Então é bom quando tu conheces Deitsch e português, porque vêm Deitsche, que não entendem português, então tu precisas saber Deitsch.

Ich honn Mercado. Ich muss Deitsch spreche mit die Leit, wo net Bresilionisch kenne spreche. Unn do sinn're wo nore Bresilionisch kenne spreche, dann muss ich mit denne ooch spreche uff Bresilionisch. Awer liebsch spreche ich Deitsch (Loeni Führ Steffen, 63 anos, comerciante).

Tradução: Eu tenho um mercado. Eu preciso falar Deitsch com as pessoas que não sabem falar português. E tem alguns que só sabem falar português, então eu preciso falar em português com eles. Mas eu prefiro falar Deitsch.

Ich finne das sehr interessant unn ich honn das net so interessant gefunn, bis ich in Sindickat oorwett gefoht, unn dat honn ich vercklicht mei Deitsch benutzt, fa mit die alte Leit spreche unn ooch fa mit mein Kollege wo Deitsch wisse (Laura Helena Arnold, 21 anos, atendente de Sindicato).

Tradução: Eu acho isso muito interessante e eu não achava isso tão interessante, até que eu comecei a trabalhar no Sindicato, e ali eu realmente aproveitei meu Deitsch para conversar com as pessoas mais velhas e com os colegas que sabem Deitsch.

Mein elscht Medchie tut Faculdade mache von Fisioterapia, unn jetzt is'es schon im Estágio. Unn dat hot's gemerek, muschte's en Paciente atendeere, unn de hot nore Deitsch gemooit, unn doh das koont noch bissche. So es is importante, wenn'se noch Deitsch tere spreche, awer die Leit sinn nimme viel, wo nore Deitsch verstehn, die andere kenne schon alles darichnanna mooie (Simone Führ Zwirtes, 45 anos, empresária).

Tradução: Minha filha mais velha faz faculdade de Fisioterapia e agora ela está no estágio. E ali ela percebeu, ela precisou atender um paciente que só falava Deitsch, e ela ainda sabia um pouco. Então é importante que ainda se fale Deitsch, mas não há mais muitas pessoas que só entendem Deitsch, as outras já sabem falar tudo misturado.

Essas falas vão ao encontro da visão de que o *Hunsrückisch* seria uma língua relacionada a pessoas mais velhas (conforme Altenhofen, 1996, p. 61), ou a moradores de contextos rurais (conforme Pupp Spinassé, 2016, p. 110). Mas, diferentemente do que afirmam os autores, as falas acima não têm uma visão exclusiva ou pejorativa com relação à língua minoritária. Pelo contrário, os entrevistados reconhecem a necessidade de saber as duas línguas, *Hunsrückisch* e português, para trabalhar com atendimento ao público na região, conforme podemos ver nas respostas de Beatriz e Loeni. Além disso, as falas de Laura e de Simone mostram que, ao atenderem pessoas que só sabiam se comunicar em *Hunsrückisch*, perceberam mais valor na língua, mesmo que essas pessoas sejam minoria atualmente, como afirma Simone, mas elas ainda existem e precisam ser acolhidas.

As falas analisadas até aqui já apontam para uma necessidade de políticas linguísticas que podem ser pensadas para valorizar o *Hunsrückisch* em Morro Reuter e na região. Pode-se pensar em mais políticas que reconheçam a língua como patrimônio cultural imaterial (assim como os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina fizeram, os municípios também o podem fazer). Além disso, políticas voltadas para a reflexão da importância da língua e da sua continuidade nas famílias, bem como de ensino, principalmente para quem trabalha com atendimento ao público, são mais alguns exemplos de políticas necessárias

60

Você se envergonha ou se orgulha de falar Hunsrückisch?

Conforme Pupp Spinassé (2015) e Pinho (2008), houve um tempo em que os falantes de *Hunsrückisch* sentiam vergonha de falar a língua, por sofrerem preconceito linguístico. Contudo, ao analisar as falas dos entrevistados para esse estudo, pode-se perceber uma mudança nesse sentimento, conforme a fala de Andreia logo a seguir:

Ich denke das mit dem Scheeme is schon meh roomm. Woh mo en Zeit, wenn ich denke on die Alunos, die honn sich immer gescheemt, we'ma mit die wo meh vom Interior sinn, we'ma alsmo footgefooh sinn, dann honn'se sich gescheemt. Hot'ma viel gehert, wea Deitsch spricht, hot meh Sotaque. Ich denke, weil'ma viel datriwwer spricht, das hot sich meh verloa mi'm Scheeme. Jetzt tun'se schon vertehn, que é importante (Andreia Laux Ternus, 47 anos, professora).

Tradução: Eu acho que isso de sentir vergonha já passou. Houve um tempo, quando eu penso nos alunos, eles sentiam vergonha quando saíamos com aqueles que moravam mais no interior, eles se envergonhavam. A gente ouvia muito que quem fala Deitsch tem mais sotaque. Eu acho que, porque a gente fala muito sobre isso, isso de sentir vergonha foi se perdendo. Agora já se entende que é importante.

Ao afirmar que “isso de sentir vergonha foi se perdendo”, Andreia confirma que o sentimento já existiu. Além disso, por ser professora, ela também cita exemplos de preconceito linguístico que muitos alunos que falavam *Hunsrückisch* sofreram antigamente.

Entretanto, ela menciona essa mudança de sentimento e reconhece que um dos motivos para isso é que “a gente fala muito sobre isso [sobre a língua]”, o que vai ao encontro das falas das professoras do documentário “Viver no Brasil falando *Hunsrückisch*” (Schmitt & Winckelmann, 2018), que também relatam um trabalho mais inclusivo com a língua minoritária que é feito nas escolas atualmente.

Essa mesma mudança de sentimento com relação ao *Hunsrückisch* pode ser percebida na fala de Adriana, logo a seguir:

Heitzutooch finne ich mich importante, das ich kann de Deitsch spreche. Awer sunsch hot'ma sich alsmoh gescheemt, weil do konnt'ma net so richtig de Português, unn die andere von die grose Stedde honn gesooht mea tere unser Português verkehrt spreche, weil mea meh de deitsch Sotaque hat. Dann die Leit von die grose Stedde honn iwwer uns gespoot, weil mea so de Deitsch gesproch. Awer heit ich soohn immer ich finne mich anntlich froh, dass ich de Deitsch kann. (Adriana Laux, 42 anos, auxiliar de escritório).

Tradução: Hoje em dia eu me acho importante por saber falar Deitsch. Mas antigamente a gente sentia vergonha às vezes, porque a gente não sabia direito o português, e as outras pessoas das cidades maiores diziam que a gente falava o português errado, porque tínhamos mais sotaque. Então as pessoas das cidades grandes sempre faziam piada de nós, porque a gente falava Deitsch. Mas hoje eu sempre digo que eu me sinto muito feliz por saber Deitsch.

A fala de Adriana confirma sentimentos que são descritos por Pupp Spinassé (2015) e por Pinho (2008). Contudo, hoje em dia ela se acha “importante” por saber *Hunsrückisch* e, além disso, também ensinou a sua filha a falar a língua. Esse sentimento de importância, até mesmo de orgulho, por saber falar *Hunsrückisch* ainda pode ser percebido nas seguintes falas:

Ich scheeme mich net, fa das'se spreche. Fa mich is da en Ehre, dass ich Deitsch spreche. Die Leit tun immer lache, wo kenn Deitsch kenne spreche, dann meene'se mea here von denne gesproch. Awer ich finne mich gut, wenn ich kann Deitsch spreche (Aloísio Dapper, 51 anos, agricultor).

Tradução: Eu não me envergonho de falar. Para mim é um orgulho que eu falo Deitsch. As pessoas que não falam Deitsch sempre riem, porque eles acham que a gente falou deles. Mas eu me sinto bem quando posso falar Deitsch.

Ich finne mich gut, wenn ich kann Deitsch. We'ma meh Sprooche kann, wo's besser is. Sinn viel Pletzer, wosch'du hin kommscht, wensch'du kenn Deitsch kennscht, kannscht du dich net helfe, unn Bresilionisch ka'ma sich schon bissche helfe (Maria Nelci Büttenbender, 70 anos, agricultora aposentada).

Tradução: Eu me sinto bem por saber Deitsch. Quanto mais línguas soubermos, melhor. Tem muitos lugares em que você chega, se não souber Deitsch, você não consegue se virar, e com português conseguimos nos virar um pouco.

Ich scheeme mich net, Deitsch spreche, well die mehrschte Bresilioner kenne net de Deitsch, unn mea Deitsche defendiere uns mit dem Português, wenn mea ooch

haleb verkeht spreche, awer de Bresilioner kann net mo een Wort uff Deitsch. (Vera Zimmer, 65 anos, atendente de Sindicato).

Tradução: Eu não me envergonho de falar Deitsch, porque a maioria dos brasileiros não sabe Deitsch, e nós Deutsche nos defendemos com o português. Mesmo que falemos um pouco errado, mas os brasileiros não conhecem nem uma palavra em Deitsch.

Falas como a de Aloísio mostram o sentimento de bem-estar e de orgulho que algumas pessoas têm por saberem falar *Hunsrückisch*. Ele ainda afirma que não se importa que outros “riam” dele por falar a língua minoritária, o que mostra uma mudança de sentimento. Além disso, Maria Nelci e Vera reconhecem que falantes da língua minoritária têm vantagens sobre os que só falam apenas português, uma vez que podem se comunicar em duas línguas.

Há, no entanto, uma preocupação de alguns entrevistados sobre a receptividade do *Hunsrückisch* por parte de não falantes da língua. A fala de Simone, logo a seguir, traz essa preocupação:

Heizutooch merék'ma viel, net dass ma sich scheeme tut, awer muss'ma viel uffpase, we'ma mit jemand mooie tut, unn hugge andere so drumroohm, dass die nix verstehn tun, dann menne die, mea tere talvez von denne mooie, tet was von denne spreche, principalmente so in die Fabrik, muss'ma viel uffpase, we'ma so huggt mit andere Leit unn dann denke'se mea tere von denne spreche. Net das ma sich scheeme tut, awer do muss'ma bissche uffpase (Simone Führ Zwirtes, 45 anos, empresária).

Tradução: Hoje em dia se percebe, não é que a gente sinta vergonha, mas a gente precisa cuidar muito quando conversamos com alguém e tem outras pessoas que não entendem nada sentadas ao nosso redor. Talvez elas pensem que a gente esteja falando delas, principalmente na fábrica, precisamos prestar muita atenção quando estamos sentados com outras pessoas, e elas estão pensando que estamos falando deles. Não que a gente sinta vergonha, mas precisamos tomar muito cuidado.

A fala de Simone, além de outras, aponta para o fato de o sentimento de vergonha não estar mais tão presente atualmente. Contudo, ela se preocupa com uma possível percepção negativa frente à comunicação em *Hunsrückisch* por parte dos não-falantes da língua, por talvez pensarem que eles estejam sendo o assunto da conversa. Esse mesmo sentimento de preocupação foi mencionado também por outras pessoas, conforme apresentado no comentário abaixo:

Mea tun uns net importeere, mea spreche viel Deitsch. Mea scheeme uns net. Unn wenn mea uff en Platz komme, wo mea uns à vontade finne, tun mea Deitsch spreche. Die tun immer so gucke, unn wenn jemand froht, weche Sprooch sprecht dea, dann tun ma's soohn, dass mea Hunsrik spreche. Awer mea tun es genn spreche (Angelita Wobeto Eich, 41 anos, professora).

Tradução: Nós não nos importamos, falamos muito Deitsch. Nós não nos envergonhamos. E quando vamos a um lugar onde nos sentimos à vontade,

falamos Deitsch. As pessoas sempre olham, e quando alguém pergunta que língua estamos falando, dizemos que nós falamos Hunsrik. Mas nós gostamos de falar.

A fala de Angelita mostra que, apesar de estar ciente de que há pessoas que não falem o *Hunsrückisch*, ela não deixa de se comunicar na língua quando se sente à vontade para tal. Ademais, Angelita menciona como procede quando alguém pergunta sobre a língua que está falando: “dizemos que falamos *Hunsrik*”. Ou seja, diferente de Simone, que vê o fato de conviver com pessoas não falantes da língua minoritária como um motivo para não a utilizar em conversas, Angelita não só continua falando, mas também informa o nome da língua para quem não a conhece.

Nesse sentido, percebe-se, novamente, a necessidade de ações e de políticas linguísticas que levem as pessoas (falantes e não falantes de *Hunsrückisch*) a refletirem sobre a importância da manutenção da língua. A possibilidade de o sentimento de vergonha não existir mais, ou ser mais ameno, conforme as falas aqui analisadas, já é um grande avanço. Contudo, mais ações que promovam uma reflexão e um entendimento ainda mais inclusivo com relação ao *Hunsrückisch* ainda são necessárias.

O *Hunsrückisch* deve continuar sendo falado? Se sim, o que é preciso ser feito?

Ao serem questionados com relação à continuidade do *Hunsrückisch*, todos os participantes deste estudo concordaram que isso deve acontecer, uma vez que, como já visto nos subcapítulos anteriores, eles percebem valor na língua. Tal percepção pode ser comprovada nas falas a seguir:

Ich weer froh, wenn die Kinner es tere weirer lenne. Das weer gut, wenn'se die zweu Sprooche kenne. Es weer besser de Plattdeitsch weirer lenne, weil die Leit hier verstehn. De anner, de richtig Deitsch, de tun die Leit net so verstehn, awwer unser Deitsch, wo mea spreche, das tun die Leit besser verstehn, dann weer's gut, wenn'se tere weirer lenne (Beatriz Boufleur Dapper, 54 anos, agricultora).

Tradução: *Eu ficaria feliz se as crianças continuassem aprendendo. Seria muito bom se elas falassem as duas línguas. Seria melhor se aprendessem o nosso Plattdeitsch, porque as pessoas aqui entendem melhor. O outro, o Deitsch certo (alemão padrão), as pessoas não entendem tanto, mas nosso Deitsch, que nós falamos, esse as pessoas entendem melhor, então seria bom se elas continuassem aprendendo.*

Ich menne die Kinner misste eerscht unser Hunsrik lenne, unn nooheer de Hochdeitsch, weil ich sinn en Exemplo von das. Ich honn eerscht de Hunsrik gelennt dehemm, unn nochter in die Schul honn ich de Hochdeitsch gelennt. Unn fa mich woo das viel leichter, weil ich schon de Hunsrik wuschte (Laura Helena Arnold, 21 anos, atendente de Sindicato).

Tradução: *Eu penso que as crianças deveriam aprender primeiro o nosso Hunsrik e depois o Hochdeitsch, porque eu sou um exemplo disso. Eu aprendi primeiro o*

Hunsrik em casa, e depois, na escola, eu aprendi o Hochdeutsch. E para mim foi muito mais fácil, porque eu já conhecia o Hunsrik.

Ao mencionar que seria importante saber o *Hunsrückisch* porque “as pessoas aqui entendem melhor”, Beatriz confirma a importância da língua minoritária para comunicação com outras pessoas da região. Além disso, ela menciona a importância de saber “as duas línguas”, ou seja, em nenhum momento é mencionado que uma deva existir em sobreposição a outra. Essa importância também é reconhecida por Laura ao relatar sua experiência de aprendizagem da variedade padrão do alemão, que foi mais fácil por saber *Hunsrückisch*, o que corrobora com os estudos de Pupp Spinassé (2009), Käfer (2013) e Pupp Spinassé e Käfer (2017).

Outro aspecto importante na fala de Beatriz é que não pode passar despercebido é o fato de ela chamar a variedade padrão do alemão de “alemão certo” (de *richtig Deutsch*). Afirmações como essas ainda são bastante comuns nos falantes, que, apesar de verem valor no *Hunsrückisch*, ainda o veem como uma “língua errada” (conforme Pupp Spinassé, 2016, p. 110). Nesse sentido, ações de conscientização com relação à língua minoritária e de que ela não é “alemão errado” ainda precisam ser feitas, para que essa visão não seja mais propagada.

Com relação às ações que podem ser desenvolvidas para que o *Hunsrückisch* continue sendo falado, as respostas vão basicamente em duas direções. A primeira delas é de que os pais ou avós falem mais com seus filhos e netos, conforme pode ser visto nas falas a seguir:

Unn was mea mache solle, dass unser Deitsch net kaputt geht... Ich tet soohn weirer spreche, viel spreche, weirer lenne. Mea, wo es kenne, unser Kinner honn'ma's schon gelennt, unn wenn uff en Tooch Netos komme, ooch lenne, weil mea honn's ooch von unser Wowwo unn unser Eltre gelennt, dann wenn mea es noch weiter lenne, dann gebt's noch richtig (Angelita Wobeto Eich, 41 anos, professora).

Tradução: É o que nós podemos fazer, para que nosso Deitsch não morra... Eu diria continuar falando, falar muito. Nós que ainda sabemos ensinamos para nossos filhos, e se um dia vierem netos, também ensinaremos, porque nós também aprendemos com nossos avós e pais, então se nós continuarmos falando, quem sabe dará certo.

Ich tun tenteere mein Netos noch lenne, Deitsch spreche, awer die tun net spreche, weil in die Schul wet net gesproch (Loeni Führ Steffen, 63 anos, comerciante).

Tradução: Eu estou tentando ensinar os meus netos a falar Deitsch, mas eles não falam, porque na escola não se fala.

A fala de Angelita confirma que o *Hunsrückisch* é uma língua de convívio familiar (conforme Altenhofen, 1996, p. 61), uma vez que ela afirma ter aprendido com seus pais e avós, e acredita que a melhor maneira de a língua existir é que se converse com as

crianças. Isso também pode ser percebido na fala de Loeni, que diz tentar ensinar a língua aos seus netos. Contudo, ela também traz a dificuldade da manutenção do *Hunsrückisch* no convívio familiar, uma vez que na “na escola não se fala”. E é nessa direção que estão as demais ações sugeridas pelos entrevistados aqui: eles pensam que a escola seja um local propício para que a língua minoritária seja ensinada:

Ich menne ja, de Deitsch mischt weirer gefihrt weere in die Schul, wo mea lenne, awer unser Deitsch, net de Hochdeitsch, weil de Hochdeitsch mischte'se nooheer lenne, zueerscht unser, weil ee Hochdeitsch is schlimmer zu lenne wie unser Deitsch (Vera Zimmer, 65 anos, atendente de Sindicato).

Tradução: *Eu penso que sim, o Deitsch precisa continuar sendo ensinado nas escolas onde estudamos, mas o nosso Deitsch, o Hochdeitsch (alemão padrão) deveria ser aprendido depois, primeiro o nosso, porque o Hochdeitsch é mais difícil de aprender que o nosso Deitsch.*

Assim como Vera, outros entrevistados também afirmaram que o *Hunsrückisch* deve ser ensinado, ou falado, nas escolas. Além disso, novamente é mencionado o fato de a aprendizagem da variedade padrão do alemão ser mais fácil depois que se conhece o *Hunsrückisch*, o que justifica a ação.

Essas sugestões vão ao encontro do proposto pelos entrevistados por Von Mühlen (2019), que também pensam que o ensino escolar do *Hunsrückisch* com o apoio das famílias, que devem conversar mais com as crianças, seja uma possibilidade de manutenção da língua minoritária. Novamente, percebe-se a possibilidade de criação de políticas linguísticas para que as interações em *Hunsrückisch* no contexto familiar se intensifiquem, ou para que a língua seja também ensinada, ou trabalhada, nas escolas.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo analisar as percepções de diferentes falantes da língua brasileira de imigração *Hunsrückisch*, todos moradores de Morro Reuter, pequena cidade no início da Serra Gaúcha, a fim de entender que valor eles atribuem à língua, se se orgulham ou se envergonham de conhecê-la e se ela deve continuar sendo falada. A partir das respostas obtidas, que foram analisadas à luz de outros estudos já realizados sobre o tema (Altenhofen, 1996; Pinho, 2008; Pupp Spinassé, 2015; Pupp Spinassé, 2016; Altenhofen & Morello, 2018; Schmitt & Winckelmann, 2018 E Von Mühlen, 2019), pôde-se também pensar em ações e sugestões de políticas linguísticas que podem ser elaboradas a partir das necessidades levantadas.

De uma forma geral, percebeu-se uma mudança positiva nas percepções dos falantes se comparadas a outras opiniões, apresentadas principalmente por Pupp Spinassé (2016) e Pinho (2008). Tal mudança mostra a importância dos estudos e das

ações já realizadas até o momento, que levaram os falantes do *Hunsrückisch* a compreender melhor a importância da língua e as vantagens que existem por conhecê-la (Pupp Spinassé, 2009; Käfer, 2013; Pupp Spinassé & Käfer, 2017; e Limberger, 2018). Esses estudos e ações também refletiram na escola, que hoje adota (ou muitas procuram adotar) um trabalho mais inclusivo e tolerante com relação ao *Hunsrückisch*, conforme apontado em Schmitt e Winkelmann (2018) e pela fala da participante Andreia, apresentada neste estudo.

No entanto, esse trabalho e essas ações devem não só continuar, mas também ser intensificado, para que os estigmas que o *Hunsrückisch* ainda recebe diminuam cada vez mais. Ou seja, é preciso “dar ouvidos” aos falantes e às línguas minoritárias, para que elas sejam mais valorizadas, e o plurilinguismo cada vez mais incentivado (Altenhofen, 2013, p. 96).

Nesse sentido, este artigo cumpriu com o seu objetivo ao ouvir falantes da língua minoritária. Conforme se procurou explicitar, as respostas aqui apresentadas e analisadas mostram o valor e a importância que o *Hunsrückisch* tem para essas pessoas, seja por ser uma herança cultural, ou uma língua necessária para se comunicar melhor dentro da comunidade, tanto no dia a dia, quanto no atendimento ao público. As respostas também mostram que os falantes aqui ouvidos não sentem mais vergonha por saberem a língua minoritária, como era comum há alguns anos, bem como acreditam que o *Hunsrückisch* deve continuar sendo falado e ensinado para as crianças. E, para isso, muitos apontam, como em Von Mühlen (2019), que a escola seja um ambiente propício para esse ensino, aliado a um maior engajamento das famílias, que também precisariam utilizar a língua minoritária em casa com mais frequência.

A partir das percepções apresentadas neste estudo, é possível pensar em várias ações e políticas linguísticas, tais como: inserir o ensino do *Hunsrückisch* no contexto escolar; incentivar uma maior interação na comunidade, com encontros de falantes, programas de rádio, ou outros eventos que repercutam também no ambiente familiar e façam as famílias interagirem mais entre si na língua minoritária; eventos de sensibilização sobre o *Hunsrückisch* para falantes e não falantes a fim de que se deixe de ver a língua com estigma; *workshops* de *Hunsrückisch* para o público geral, ou para pessoas que trabalham com atendimento ao público, e outros. Essas sugestões foram pensadas a partir das falas apresentadas neste estudo, sem desconsiderar que a comunidade deve ser sempre ouvida antes da implementação dos projetos, uma vez que uma imposição de medidas pode causar o efeito contrário ao esperado (Von Mühlen, 2019, p. 156).

As conclusões deste estudo se limitam pelo fato de serem embasadas nas opiniões de apenas alguns falantes de Morro Reuter. Para obter resultados mais representativos,

também outros falantes da própria cidade de Morro Reuter poderiam ser entrevistados, bem como falantes de *Hunsrückisch* de outras cidades da região. Pessoas que nasceram em comunidades bilíngues (português e *Hunsrückisch*) mas que não moram mais nesses contextos também poderiam ser ouvidos, uma vez que eles podem ter uma outra percepção da língua minoritária. Além disso, as ações sugeridas nesse estudo podem ser implementadas em caráter experimental com subsequente avaliação de seus efeitos por parte dos participantes, a fim de se decidir pela continuação ou interrupção das ações. Por fim, líderes políticos (prefeitos, vereadores, deputados etc.) também podem ser ouvidos, principalmente se falantes de *Hunsrückisch* (ou de outra língua minoritária), para se ter conhecimento sobre as suas percepções com relação à criação de políticas linguísticas.

Como se pode ver, o tema deste artigo ainda precisa ser amplamente trabalhado. Muito já foi (e continua sendo) feito. Muito também já mudou. Contudo, ainda há um caminho longo de mais estudos e ações para que essa herança cultural tão rica que é o *Hunsrückisch* não se perca.

Referências

Altenhofen, Cléo V. **A aprendizagem do Português em uma Comunidade Bilíngue do Rio Grande do Sul**: Um Estudo de Redes de Comunicação em Harmonia. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 1990. 242f.

Altenhofen, Cléo V. ***Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvielfalt im Kontakt mit dem Portugiesisch.*** Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996.

Altenhofen, Cléo V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**, Vol. 2, No. 1(3), 2004. p. 83-93.

Altenhofen, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine et al. (org.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.

Altenhofen, Cléo V.; Frey, Jaqueline; KÄFER; Maria Lidiani; KLASSMANN, Mário S.; NEUMANN, Gerson R.; PUPP SPINASSÉ, Karen. Fundamentos para uma escrita do *Hunsrückisch* no Brasil. **Revista Contingentia**, Vol. 2, novembro 2007. p. 73-87.

Altenhofen, Cléo V.; Morello, Rosângela (Org.). **Hunsrückisch: Inventário de uma Língua do Brasil**. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

Brasil. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 20 Out. 2024.

Calvet, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

Grützmann, Irgart. Diversos falares. In: GRÜTZMANN, Irgart; DREHER, Martin Norberto. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: Recortes**. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 26.

Habel, Jussara Maria. Os nomes do Hunsrückisch: aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 314-330, Ago./Dez. 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/859/447>. Acesso em 24 Nov. 2024.

Käfer, Maria Lidiani. **A conscientização linguística como fundamento para uma abordagem plural no ensino de Alemão-padrão em contextos de contato Português-Hunsrückisch**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2013. 156f.

Limberger, Bernardo. **Processamento da leitura multilíngue e suas bases neurais**: um estudo sobre o hunsriqueano. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2018. 269 f.

Pinho, Isis da Costa. Diversidade linguística e identidade: as micro-decisões na manutenção/perda de uma língua materna minoritária. **Revista Contingentia**, Vol. 3, N. 1, maio 2008. p. 79-94.

Pupp Spinassé, Karen. **Deutsch als Fremdsprache in Brasilien. Eine Studie über kontextabhängige unterschiedliche Lernaltersprachen und muttersprachliche interferenzen**. Frankfurt a.M.: Peter Lang, 2005.

Pupp Spinassé, Karen. O Aprendizado do alemão-padrão por alunos bilíngues: pesquisas e ações. **Revista Contingentia**, Vol. 4, No. 2, novembro 2009. p. 100–109. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/11421/6767>. Acesso em 14 Fev. 2024.

Pupp Spinassé, Karen. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como factor identitário e inclusivo. **Revista Conexão Letras: Linguística/Literatura & Encontros e Pesquisa**, Vol. 3, n. 3, 2015. DOI: <<https://doi.org/10.22456/2594-8962.55637>>. Material não paginado.

Pupp Spinassé, Karen. Fazendo política linguística em sala de aula: ações didático-pedagógicas pela manutenção da língua minoritária *Hunsrückisch*. **ReVEL**, v. 14, n. 26, 2016. p. 103-119.

Pupp Spinassé, Karen; Käfer, Maria Lidiani. A conscientização linguística e a didática do multilinguismo em contextos de contato português-Hunsrückisch. **Gragoatá**, v. 22, n. 42, jan.-abr. 2017. p. 393-415.

Schmitt, Gabriel; Winkelmann, Ana. **Viver no Brasil falando Hunsrückisch**. 2018. Filme.

Steffen, Joachim. A vantagem de falar dialeto: aproveitar as variedades não-padrão para a construção de comunidades multilíngues. **Revista Contingentia**, Vol. 3, No. 2, novembro 2008. p. 67-76.

Tubino, Nina. **A germanidade no Brasil = Das Deutschum in Brasilien**. Porto Alegre: Sociedade Germânica, 2007.

Von Mühlen, Fernanda. **Políticas relacionadas à(s) escrita(s) e à(s) ortografia(s) do hunsriqueano e as percepções dos falantes**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019. 166f.